

A Petrobrás prevê “um excelente” desempenho em 86

por Fátima Belchior
do Rio

Queda dos preços do petróleo no mercado externo, redução nos preços de equipamentos e serviços, inflação zero ou deflação e estabilidade da taxa cambial. Com todos estes fatores conjugados, não poderia ser outra a expectativa do presidente da Petrobrás, Hélio Beltrão, com relação ao ano de 1986, durante o qual se materializará o plano de estabilização econômica: “Será excelente”, prognostica ele, adiantando ser este o melhor momento para a empresa executar seus programas de investimento.

De fato, os números desse primeiro trimestre indicam claramente que a Petrobrás está sendo beneficiada pela queda dos preços do petróleo e pelo programa de estabilização econômica. De janeiro a março seu dispêndio líquido com importação de óleo fixou-se em US\$ 998 milhões, menos 17% do que

em igual período do ano passado. De dezembro para cá, os preços de equipamentos e serviços contratados no exterior já estão de 30 a 40% mais baixos. E, com a estabilização da taxa cambial, a Petrobrás começou a compensar perdas geradas no passado pelo congelamento dos preços dos derivados e pela defasagem entre a taxa de câmbio real e a vigente na estrutura de preços daqueles produtos.

“O pacote é altamente benéfico para a Petrobrás. A partir de agora, podemos projetar com maior clareza as finanças da companhia, distorcidas no passado pelos efeitos da inflação e pela imprevisibilidade dos reajustes de preços. A estabilidade da taxa de câmbio também dá maior segurança. O resultado é uma redução substancial dos custos da Petrobrás, em função da queda dos custos financeiros”, comenta Beltrão.

A MELHOR HORA PARA INVESTIR

Assim, numa primeira previsão, calcula-se que os gastos da estatal com investimentos cairão de CZ\$ 44,3 bilhões iniciais para CZ\$ 36,7 bilhões. Aliando-se todos estes fatores à queda dos preços externos, os dispêndios globais da empresa passarão de CZ\$ 220 bilhões para CZ\$ 160 bilhões.

“Esta é a melhor hora de a Petrobrás investir em exploração e produção de petróleo”, comentou Beltrão, que, desde que os preços externos começaram a cair e o governo lançou o Plano Cruzado, se tem visto às voltas com notícias dando conta de possível redução nos investimentos da empresa e dos preços dos derivados. Beltrão não concorda com nenhuma das duas coisas. De um lado, argumenta que, se os investimentos forem reduzidos agora, o País poderá ser pego de surpresa, no futuro, quando os preços externos voltarem a subir. Já a queda dos preços dos derivados estimulará o consumo e desestruturará o parque de refino da Petrobrás, admite Beltrão.

Na verdade, a situação do País em termos de reservas de petróleo não é totalmente desconfortável. Mas também não garante auto-suficiência. No final do ano passado, as reservas somavam 2,193 bilhões de barris, volume que não inclui o petróleo existente nos campos de Albacora e Marlin, no litoral fluminense, pois ainda não foram totalmente delimitados. Cálculos iniciais da Petrobrás indicam que as reservas dos dois campos se situam em torno de 3 bilhões.

Assim, caso o governo optasse por continuar importando cerca de 40% do consumo interno (1 milhão de barris por dia), se a Petrobrás não descobrisse mais óleo daqui para frente e interrompesse os trabalhos exploratórios nasqueles dois campos, o volume de 2,193 bilhões seria suficiente para abastecer o País durante dez anos. Isso, partindo-se do pressuposto de que o consumo também não crescesse. Esta média de dez anos está, segundo o diretor de exploração da Petrobrás, Wagner Freire, muito próxima de outros produtores, como Estados Unidos (de oito a nove anos) e Inglaterra (dez a onze anos). Já em outros grandes produtores, tais como os países do Oriente Médio, as reservas são suficientes para trinta anos.

INVESTIMENTOS MAIS ATRAENTES

“A relação entre reserva e produção deve ser mais confortável”, comentou Freire. E, na opinião de Beltrão, o programa de investimentos da Petrobrás tem-se tornado cada vez mais atraente. “Nenhuma companhia com o índice de sucesso da Petrobrás paraia de investir na atual conjuntura”, comenta, por sua vez, Freire, para quem a médio prazo a tecnologia de produção em águas profundas, onde se encontram, por exemplo, os campos de Marlin e Albacora, já estará desenvolvida.

De fato, segundo demonstrou o chefe do serviço de planejamento da Petrobrás, Cid Rodrigues, com a estabilização da taxa cambial e a queda dos preços do petróleo no mercado internacional, desde março último a empresa deixou de ter déficit com produção e importação de óleo. O custo econômico de produção, entre US\$ 15 e US\$ 17 por barril, já é inferior à receita obtida pela empresa a partir dos CZ\$ 259,20 fixados na estrutura de preços dos derivados para cobertura da importação e da própria produção interna. Em março, a receita por barril produzido internamente situou-se em torno de US\$ 18.

Fonte: 22 de abril de 1986